

## Uma questão de tempo

Crítica de *Expedição Nebulosa*

Por Annelise Schwarcz

1. Marília entra no palco e tocam o terceiro sinal. Leva algum tempo até que, com a sua palavra, se faça luz. Um contra-tempo. Uma vez acesa, começa: [quanto tempo dura o presente?]

Essa é a primeira de muitas perguntas que Marília fará ao longo da performance.

A frase surge como um letreiro atrás da poeta, em um telão ao fundo que irá exibir as demais perguntas, imagens e diálogos destacados da leitura do texto. Dividida em nove atos através de blecautes, a que se soma a um diálogo final, acompanhamos a apresentação de Marília através de uma série de relações no que a princípio parece um caminho à deriva. Um passeio pelas vielas da memória, pelas ruas de São Paulo, pelas ruas do Rio e pelos ecos que cada uma delas reverbera. Não demora muito para perceber que as associações aparentemente livres compõem uma expedição que já está mapeada. Além de ecos, é de mapas que se trata.

Começamos na Paulista, com a performance *Echo* de Richard Serra, montada para o Instituto Moreira Salles de São Paulo em 2019. *Echo* é composta por duas placas de aço de 18,6m de altura, cada uma pesando 70,5 toneladas, visíveis de dentro e de fora do instituto.

Essa é a primeira de muitas imagens que nos atravessarão ao longo da performance.

2. Na palestra-performance a que assistimos na 10ª edição do Midrash, Marília coloca o corpo e a voz para jogo buscando imprimir o frescor do ao vivo em palavras que foram escritas em 2019, por outra Marília. Apesar de iguais, são diferentes. Outra voz, outro corpo. Uma voz ainda mais próxima do luto por seu amigo Victor Heringer e um corpo que ainda não havia conhecido o câncer (relevado pela própria autora ao longo da performance, através de um relato tocante, no qual compartilhou fotos de seu arquivo pessoal raspando a cabeça por conta do tratamento com quimioterapia iniciado há três meses atrás).

O tema do “igual, mas diferente” retorna sob várias figuras ao longo da leitura. Nas palavras de Marília, trata-se de “palimpsestos”, isto é, de uma superfície que, por transformação ou replicação, contém em si traços ou evidências da sua forma anterior. O próprio título que se refere à

performance primeiramente apresentada em 2019 – *Expedição Nebulosa* – é também o nome do livro de poemas lançado por Marília em 2023. Apesar de homônimos, são diferentes.

Além dos exemplos já mencionados, a obra de Richard Serra *Equal-Parallel/ Guernica-Bengasi* também se soma aos palimpsestos de Marília. A escultura composta por quatro blocos de aço, que somados pesavam 78 toneladas, foi primeiramente exibida em 1986 na inauguração do Centro de Arte Reina Sofía em Madrid. Após duas exposições, a escultura foi mantida por alguns anos em um armazém até que em 2006 veio à tona o desaparecimento da obra. Serra então é convidado a fazer uma réplica das esculturas e elas se tornaram exposições permanentes no Reina Sofía. São iguais, mas são diferentes por conter em si a história da sua versão anterior. São palimpsestos.

3. Transcrição traduzida livremente da leitura do texto "O que faz de um poema um poema?" de Charles Bernstein:

Minha palestra se chama "O que faz de um poema um poema?" Vou ajustar meu cronômetro.

Não se trata de palavras rimadas no final de uma linha. Não é a forma. Não é a estrutura. Não é a solidão. Não é a localização. Não é o céu. Não é o amor. Não é a cor. Não é o sentimento. Não é a métrica. Não é o lugar. Não é a intenção. Não é o desejo. Não é o clima. Não é a esperança. Não é o assunto. Não é a morte. Não é o nascimento. Não são as árvores. Não são as palavras. Não são as coisas entre as palavras. Não é a métrica. Não é a métrica.

[o cronômetro apita].

É o *timing*.

4. Quero compartilhar algumas reflexões sobre o tempo. Me encanta pensar que os gregos compreendiam três modalidades diferentes para aquilo que chamamos tão displicentemente por um nome só, são elas: aion, kairós e cronos. Sendo cronos o tempo linear, aion o tempo da intensidade e kairós o *timing*.

Parece fácil responder à pergunta “quanto tempo dura o presente?” quando levamos em consideração apenas o tempo cronológico. Mas no tempo da intensidade, Marília, alguma coisa da tua atmosfera se estendeu para além daqueles 35 minutos e me acompanha até o presente momento, no qual te escrevo este texto. Ainda posso sentir o peso e densidade das esculturas de Serra, a ilusão de contato entre o equilibrista e o dançarino no vão da Paulista, o desamparo de Eco, a solidão de Narciso, o cinza das fotografias de Michael Wesely e a dureza da palavra “palimpsesto” (mais uma invenção grega). Mas, sobretudo, ainda posso sentir a suavidade com a

qual você enuncia essa palavra, a tua capacidade aparentemente infinita de construir relações, o magnetismo com o qual você manteve minha atenção cativa apesar do uso dos tão sóbrios dispositivos da palestra performance (o projetor, a leitura do texto, os slides) e a tua forma de transitar entre tantas paisagens sem dar um passo sequer ao longo de toda a apresentação.

##### 5. Ainda sobre os gregos.

Marília retoma o significante “Echo”, presente no título da obra de Serra, para introduzir o diálogo de Eco e Narciso. A ninfa, amaldiçoada pela deusa Hera, estava condenada a apenas repetir as últimas palavras que ouvia. Na versão que encontrei online, o diálogo entre eles se dá da seguinte forma:

Narciso: Aqui não há ninguém?

Eco: Há alguém.

Narciso: Venha!

Eco: Venha!

Narciso: Por que foges de mim? Unamo-nos!

Eco: Unamo-nos!

Enfim, quando se deparam, Narciso diz: Afaste-se de mim, nada de abraços! Prefiro morrer a me entregar a ti.

Eco: Me entregar a ti.

6. Quando eu aprendi que é possível calcular a distância que estamos de um trovão contando a diferença de segundos entre o aparecimento do relâmpago e o som do estrondo, parei de ter medo de tempestades. Desde então, atravesso temporais contando.

A mesma lógica funciona com o eco. Um eco pode denunciar a distância do obstáculo em relação à nossa voz. É uma questão de distância, mas também de tempo: quanto tempo leva até que o som que emitimos retorne aos nossos ouvidos? Nesse segundo tempo, quando ouvimos essa voz devolvida, ela ainda nos pertence? Posso dizer que ainda é a minha voz?

7. Acho que uma das coisas que mais me toca com relação ao suicídio é a questão do tempo. Supomos que temos muito tempo ainda coexistindo com alguém. Adiamos encontros, temos outras prioridades. Um dia, a ruptura. Não somos mais contemporâneas. O tempo de uma das partes acabou. O que segue a isso é da ordem do inexprimível, do incompreensível. Algo que, por mais nebuloso que seja, você conseguiu captar e registrar tão bem construindo uma das cenas mais sensíveis que já vi sobre o assunto, ao transpor o diálogo de Narciso e Eco, se projetando no lugar de Narciso no aguardo do eco de Victor Heringer.

Marília, te calculo distante, mas te sinto em um abraço.

8. Você já se deparou com fotos antigas e se desconheceu? Os anos foram passando sem que se fizessem evidentes os sulcos na face, alguns sinais novos, cicatrizes, tatuagens, cortes de cabelos, fios grisalhos, entre outros acontecimentos. Um dia me deparei com uma foto antiga e me ocorreu que nada ali me pertencia: a pele da infância, os poros fechados, um jeito específico de deixar o cabelo, os acessórios que usava, as pessoas ao redor. Fui me procurar nessas fotografias e não me encontrei. Deliro uma foto de rosto com uma câmera aberta tal como nas fotografias de Michael Wesely, registrando e sobrepondo todas as linhas, todas as manchas, todas as curvas, a fim de reconstruir o mapa para esse rosto perdido, esse corpo perdido, esse eu. Igual, mas diferente.

9. “A forma de uma cidade muda mais rapidamente que o coração mortal”, nos diz Baudelaire.

Para ficar uma última vez com os gregos, cito Heráclito:

“Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou.”

Se é certo que o rio já não é o mesmo Rio, o mesmo vale para São Paulo: esses palimpsestos. O mesmo vale para mim e para você, ainda que mais lentas do que o ritmo da cidade e da modernidade, procurando pelos antigos rostos em novos lugares, perscrutando seus ecos, buscando ouvir as ressonâncias.

10. [Como fazer coincidir a voz do texto e a voz ao vivo?]

Não se trata apenas de inserir marcas de oralidade. Não se trata de descrever como minha voz soa. Não se trata de transcrever uma gravação que fiz de mim. Não se trata apenas de ler o texto em voz alta. Não se trata de inserir meus vícios de linguagem. Não se trata de evitar pontuações.

É sobre *timing*. E penso que, disso, você entende bem.

*Annelise Schwarcz é crítica de teatro, filósofa e pesquisadora em gênero, raça e colonialidade.*